



## INCERTEZAS E O DILEMA DA SOCIALIZAÇÃO: A AUTOETNOGRAFIA DE UM PÓS-GRADUANDO.

### UNCERTAINTY AND SOCIALIZATION'S DILEMA: A POST-GRADUATE'S AUTOETHNOGRAPHY

Henrique De Sá Tschumi

Marina Keiko Nakayama

**RESUMO:** A autoetnografia é uma metodologia utilizada pela academia com o objetivo de conferir validade à pesquisa onde o autor é parte integrante do estudo de uma cultura. Assim, esta metodologia permite a explicitação do conhecimento referente à experiência vivida, e no caso deste artigo, a de cursar uma pós-graduação. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram (a) narrativa auto-reflexiva, (b) entrevistas semiestruturadas com participantes da narrativa e (c) auto-entrevista realizada por colega de pós. As entrevistas foram transcritas e analisadas. O resultado da análise contínua fez surgir os temas: (1) incerteza, devido às características interdisciplinares da minha formação acadêmica e a gama de oportunidades que possuo; e (2) socialização, como dilema, pela falta de experiência de vida e medo de me comprometer e não atender às expectativas. Portanto, a experiência de viver uma pós-graduação provocou a emergência destes temas, que já ocorriam, mas que puderam ser percebidos e melhor trabalhados através dos métodos que a autoetnografia proporciona.

**PALAVRAS-CHAVE:** autoetnografia, mestrado, incerteza, socialização.

**ABSTRACT:** The autoethnography is a methodology used by academia in order to give validity to research which the author is an integral part culture's study. Thus, this methodology allows explicating knowledge regarding the experience, and in the case of this article, to attend a post graduate. It was used techniques for data collection such (a) self-reflexive narrative, (b) semi-structured interviews with narrative's participants (c) self-interview by a colleague of class. The result of ongoing analysis gave rise to uncertainty and socialization issues. The first generated by the interdisciplinary characteristics of my education and the range of opportunities that I have. The second issue appears as a lack of life experience and afraid to commit and did not meet expectations. Therefore, living's experience of a postgraduate provoked the emergence of these themes, which have occurred, but that might be perceived and best worked through of autoethnography's methodology.

**KEYWORDS:** autoethnography, master degree, uncertainty, socialization.

## INTRODUÇÃO

A experiência de fazer um curso de pós-graduação depende de muitas variáveis. Em se tratando de experiência, cada indivíduo vivencia a sua, e ainda pode-se dizer que haverá



diferentes visões, relacionadas com a quantidade de experiência acumulada por cada um e o momento de vida em que se encontra.

Dentre as formas de se armazenar a experiência perante a academia científica encontra-se a autoetnografia. Esta abordagem qualitativa permite ao autor tornar-se parte do estudo, compartilhar sentimentos e emoções, fazendo com que o leitor se identifique com a experiência. De acordo com Ellis; Adams e Bochner (2011), a autoetnografia é uma abordagem que reconhece e adota a subjetividade, emotividade e a influência do pesquisador na pesquisa, ao invés de desconsiderá-las e assumir que não existem.

A diferença para a autobiografia está na metodologia, pois a autoetnografia possui métodos específicos a serem seguidos, tornando o relato confiável. Esta metodologia objetiva tornar o conhecimento explícito, e assim, facilitar sua disseminação e compartilhamento. Através desta explicitação, outros indivíduos podem conhecer e sentir o que o autor experimentou, tornando universais os sentimentos e emoções.

Como afirma Chang (2007), os benefícios da autoetnografia situam-se em (a) fornecer um método de pesquisa de fácil utilização, tanto para pesquisadores quanto para leitores, (b) elevar a compreensão cultural de si e dos outros, e (c) ter potencial para transformar a si e aos outros através da construção de coalizões entre diferentes culturas. Este autor ainda argumenta que esta abordagem deve ser etnográfica na sua orientação metodológica, cultural na orientação interpretativa, e autobiográfica na orientação do conteúdo.

Chang (2007) resume os principais processos para que seja produzida uma autoetnografia (a) na coleta de coletar dados de campo através de participação, auto-observação, entrevista e revisão de documentos; (b) verificação de dados através de triangulação de fontes e conteúdo; (c) análise e interpretação dos dados decifrando significados culturais de eventos, comportamentos e pensamentos; e (d) escrita da autoetnografia.

A autoetnografia vem ao encontro da onda de explicitação de conhecimento que começou com a gestão do conhecimento (NONAKA, 1994; WIIG, 1997), fornecendo uma metodologia que seja aceita pela academia e preenchendo o abismo que existe na falta de relatos de experiências vividas e narrativas que auxiliem no processo de reduzir a “reinvenção da roda”, quando é interessante que todos conheçam sem ter que, necessariamente, passar por toda a vivência. Assim, o objetivo dos autoetnógrafos é produzir textos analíticos e acessíveis, que mudam tanto nós quanto o ambiente no qual vivemos para melhor (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). Esta autoetnografia tem como objetivo fornecer o ponto de vista de um



interessante em um programa de pós-graduação interdisciplinar cuja graduação possuía características semelhantes, mas em áreas diametralmente opostas.

## **A METODOLOGIA**

O termo “etnografia” deste artigo se encontra no estudo da cultura de um programa de pós-graduação, buscando entendê-la, compartilhar as emoções e alguns momentos proporcionados através deste, tanto com aqueles que já estão no programa como com os que desejam ingressar no meio acadêmico (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). O termo “auto” refere-se à experiência do autor desde o processo seletivo até o presente momento de curso de um programa de pós-graduação. Como ocorre com Averett e Soper (2011), esta autoetnografia possui dois autores por se tratar de um trabalho requisitado pela disciplina ministrada pela professora em questão, além de auxiliar no processo metodológico e no ponto-chave da metodologia que é não ter medo do que surgirá.

As técnicas de coleta de dados utilizados foram a (1) narrativa auto reflexiva, escrita a partir de julho de 2013, caracterizando as motivações e descrevendo todo o processo de entrada no programa de mestrado, bem como a experiência vivida até o presente estágio, (2) entrevistas semiestruturadas com participantes, com o objetivo de fornecer diferentes visões e garantir a verdadeira versão, complementando a narrativa, e (3) texto elaborado através de uma entrevista semiestruturada feita em uma disciplina do programa por um colega com o tema “Por que as pessoas fazem (ou querem) fazer pós-graduação?”. Através desta metodologia, garante-se o rigor e confiabilidade aos fatos mencionados, apesar de Ellis; Adams e Bochner (2011) considerarem que a validação e confiabilidade são conferidas pelo próprio leitor, onde os sentimentos de que a experiência vivida é semelhante à realidade, crédula e possível conferem verossimilhança ao trabalho.

Foram obtidas 13 páginas, entre narrativa e e-mails coletados. Houve a codificação dos dados, logo após sua coleta, onde os códigos ou categorias permitem que esses sejam contextualizados (MILES; HUBERMAN, 1994; TAYLOR; BOGDAN, 1997). A análise de temas foi utilizada como técnica para tratamento dos dados e estruturação da narrativa, durante o próprio processo de escrita. Através de uma linha temporal, dividiu-se em antes e depois da pós-graduação. No lugar dos nomes dos envolvidos, do programa de pós-graduação e disciplinas



cursadas foram utilizados pseudônimos, assegurando as respectivas privacidades. A partir desta seção, o pronome pessoal eu refere-se a um dos autores, autor A.

## ANTES DA PÓS

### Incertezas

O tema incerteza surgiu da diversidade de opções e alternativas a que fui “exposto”. É recorrente a necessidade de escolher entre caminhos a seguir, e para cada escolha, há uma dúvida. Antes da graduação a dúvida envolvia qual curso se inscrever. Particularmente, fui pouco estratégico na decisão, não tinha noção do mercado de trabalho, a não ser proveniente do “ouvi falar”, nem conhecia o currículo e disciplinas que os cursos ofereciam. Acabei me inscrevendo, e classificando, em Agronomia e Engenharia Florestal, escolhendo a primeira por ser na mesma cidade onde moro.

Dentro da graduação de Agronomia, novamente, deparei-me com inúmeras áreas de conhecimento, gostando de algumas e detestando outras. De fato, por sorte, visto que não sabia sobre o que a Agronomia tratava, encontrei um curso amplo, único elemento que desejava em minha formação. A verdade é que todas as áreas são complementares e não há como falar de produção animal sem falar de produção vegetal ou manejo do solo e ecologia.

Assim, as opções de carreira após a graduação também constituíam um horizonte de possibilidades. Para os que possuem propriedades familiares, há (i) a oportunidade de voltar à sua terra natal e se tornarem produtores/empresários rurais; para os que não possuem um “pedaço de terra”, há a (ii) possibilidade de arrendamento para produção, seja animal ou vegetal (embora essa ênfase não seja dada no curso); existe a alternativa de (iii) continuar com a empresa familiar, focando na sustentabilidade; (iv) prestação de consultoria e extensão para produtores rurais; (v) área acadêmica, igualmente, não falta, e para as mais diversas linhas disciplinares; (vi) concursos públicos são mais raros, e proporcionalmente concorridos e cobiçados, mas existem; e ainda, (vii) trabalhar nas multinacionais que atuam no meio rural. Enfim, há muito mercado e eu sou apenas um. Um grande número de escolhas pode ser tanto satisfatório quanto, contraditoriamente, decepcionante, ao mesmo tempo, observam Iyengar e Lepper (2000), pois, apesar de haver mais oportunidades de alguma das opções serem de seu agrado, também há maiores responsabilidades



em fazer a escolha certa, o que pode trazer o sentimento de frustração ao processo de escolha entre o “feito para você” e o “quase lá”,

Logo, a incerteza foi inerente à graduação, principalmente por eu gostar e ter afinidade com diversas áreas. Sempre tive facilidade e agilidade em aprender, o que me leva a querer fazer de tudo, produzir a matéria-prima, ter uma empresa, ajudar os outros através de extensão, ou consultoria. Mas qual deles seguir primeiro? Por não ter ideia de para onde enveredar, o apoio do meu orientador de graduação, o Roxo, foi essencial, apesar de partes de alunos não terem apoio de seus orientadores (AUSTIN, 2002; FAVA-DE-MORAES; FAVA, 2000).

Gardner *et al.* (2012) constataram que programas de mestrado e doutorado em área interdisciplinar levam ao sentimento de incerteza nos ingressantes, pois há inúmeras carreiras a seguir, sem uma clara definição de qual área pertencer, pois se encontram em todas. A Agronomia tem caráter interdisciplinar, ainda que seja um curso de graduação, como bem aponta o perfil profissional do engenheiro agrônomo egresso da Universidade Federal de Santa Catarina:

“[...] deverá ter valores humanísticos, princípios éticos, uma visão socioeconômica ampla (que inclui aspectos políticos e culturais) e uma visão socioambiental que o habilite a uma atuação crítica e criativa para o atendimento das demandas da sociedade sem comprometer o ambiente e os recursos naturais nele contidos” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE AGRONOMIA, 2010).

Desta forma, a incerteza internalizada por mim se justifica pela amplitude de possibilidades que um engenheiro agrônomo possui, além de fatores de personalidade, como o desejo de empreender, fazer a diferença prestando serviço para agricultores e assim por diante. Uma vez formado, minha vontade era de entrar no mercado de trabalho e aplicar o que eu havia aprendido, porém apostaria em qualquer alternativa que pudesse me fornecer algum sustento e acúmulo de conhecimento visando buscar uma preparação mais apropriada para poder entrar no mercado. Porém, empreender envolve arriscar muito, e quando confrontado com a certeza do mestrado e uma sensação de despreparo frente ao mercado de trabalho sem experiência, escolhi a certeza. Essa escolha pode ser explicada por Tversky e Kahneman (1981), ao concluírem que quando um indivíduo possui possibilidades de ganhar, ele evita o risco.

Sempre recebi apoio da família, mas majoritariamente para que eu prestasse um concurso público, devido à minha facilidade de assimilar conhecimento e, portanto, ter boas chances de classificação. Mas, apesar de me atrair pelo apelo salarial e estabilidade, é uma área de trabalho muito limitada, havendo ainda possibilidade de mudar de cidade.





Portanto, a pós-graduação não era a minha primeira alternativa. Eu não considerava fazê-la, pois apesar de gostar de ensinar, não era próximo das responsabilidades que a vida acadêmica demandava, como o enfoque em pesquisa e publicações (AUSTIN, 2002), exceto se o mercado de trabalho cobrasse muito. Porém, eu estava desgostoso com o conhecimento que havia adquirido na graduação e isso, aliado ao desejo de não me mudar, fez surgir duas novas opções: (1) fazer um curso de tecnólogo e ir para a área de sistemas de informação, pois há um forte polo tecnológico em minha cidade, ou (2) fazer uma especialização.

Estas duas alternativas surgiram, indireta e diretamente, do Roxo. A opção pelo curso de tecnólogo foi conclusão minha, mas que partiu da sugestão de leitura de um livro, afirmando que eu iria gostar de lê-lo, “The world is flat”, de Friedman (2009), que fala do achatamento do planeta devido às tecnologias que surgiram. Neste livro, a profissão de programador e a área profissional de sistemas de informação são bem comentadas. Já diretamente, houve a ideia da especialização, que partiu de forma explícita, após eu comentar da vontade de fazer o curso de tecnólogo, apontando as vantagens do programa de pós sobre este. Assim, no último dia, eu me inscrevi para o mestrado no computador da sala do Roxo, com palavras firmes dele para “deixa[r] de ser tolo, senta[r] nessa cadeira e faz[er] essa inscrição”.

Um pouco antes disso, cogitar a ideia de qualquer pós-graduação veio da conversa com um colega de turma sobre fazer ou não mestrado, chamando-me a atenção para algo que eu não tinha pensado, pelo menos diretamente. Na conversa, falei que gostaria de começar a trabalhar o quanto antes, e que não aguentaria a vida de pesquisador/mestrado. Ele então disse que era difícil mesmo, pois fazia parte de um grupo de pesquisa, mas que, enquanto não conseguia se classificar em algum concurso público ou não surgia uma boa oportunidade de emprego, seguir na vida acadêmica era interessante, pois se agregava conhecimento a sua formação profissional e valor ao seu currículo. Quando aparecesse o trabalho, você estaria mais preparado e mais valorizado. Foi a partir desta conversa que o conhecimento passou a exercer um controle maior sobre mim, apesar de já gostar de ser bem informado, mesmo que não fosse ou buscasse ser.

Além do incentivo de meu orientador, o ponto chave para tomada de decisão em seguir a pós-graduação foi a sensação de que eu não estava preparado para o mercado, pois não possuía experiência, levando tempo para que eu a adquirisse e, demorando ainda mais para que eu conseguisse um modo de me sustentar. Conforme fui passando pelas etapas de seleção do programa de pós, comecei a pensar que adquirir conhecimento de uma área diferente seria muito interessante para minha formação, além do fato de ter gostado dos assuntos abordados.



Inconscientemente, fui abrindo mão e colocando em segundo plano meus outros projetos profissionais, focando mais na aquisição de conhecimento da pós do que na própria titulação.

Apesar da incerteza na escolha do caminho, não senti arrependimento logo após a decisão de entrar no mestrado, ao contrário dos resultados de Carmon; Wertenbroch e Zeelenberg (2003), ainda que possa ter aparecido, posteriormente, como um desconforto de não estar fazendo aquilo que realmente queria, mas visto como ótima oportunidade de aquisição de conhecimento.

### **Socialização**

O segundo tema a surgir foi a socialização, ou a dificuldade em socializar. Sempre tive problemas em conversar com as pessoas, sempre tive a impressão de estar atrapalhando, ou incomodando ao pedir ajuda. Isto é contrário ao meu modo de ser, de estar sempre solícito e querer ajudar e ensinar.

O programa de pós ao qual eu estava pleiteando entrar possuía quatro grandes gargalos. O primeiro era uma etapa de nivelamento onde, ao longo de seis semanas seriam apresentados vídeos-aula e a bibliografia obrigatória referente ao tema do programa em um ambiente virtual, e haveria avaliações para aula, selecionando os que alcançassem a média. A segunda etapa consistia de uma prova presencial avaliando os conhecimentos fornecidos pela primeira etapa. A terceira etapa era criar e/ou atualizar o currículo Lattes e a quarta era a produção de um anteprojeto, tratando do tema que o participante gostaria de desenvolver e a aderência ao tema do programa.

O episódio que melhor retrata essa dificuldade de socialização ocorreu na etapa do anteprojeto. Em uma semana, deveríamos preencher uma série de pré-requisitos, montando o projeto que esperávamos cumprir no programa e submeter ao sistema de avaliação. Por sugestão do Roxo, fui procurar algum professor do programa de pós que se encaixasse no perfil do meu anteprojeto.

A maior dificuldade foi enviar uma mensagem eletrônica para os possíveis orientadores, perguntando da possibilidade de orientação, bem como pedir a opinião da minha supervisora de estágio, doutora em Engenharia Química e empresária de sucesso, sobre o tema do anteprojeto, diretamente ligado ao que eu estava desempenhando em sua empresa.

Acredito que esta falta de ousadia esteja no fato de eu imaginar que conversando com as pessoas eu fique em débito com elas, dependendo das minhas respostas, comprometendo-me. Mas não seria exatamente isso que eu procurava, comprometimento? Conforme eu me



aproximava da minha formatura, ou seja, da vida profissional, possuía mais dificuldade em conversar com quem já estava atuando e era mais experiente, tanto em titulação quanto conhecimento. Como me comprometer com pessoas assim? Vale observar ainda que, a convivência com pessoas mais experientes seria extremamente valiosa para minha vida profissional, mas o medo de não atender às expectativas e tarefas que me são, ou seriam, impostas (e a dificuldade em pedir ajuda) acabam gerando ansiedade e medo de ter contato com elas. E o pior de tudo, a minha supervisora, que fez parte da minha banca, elogiou-me dizendo que eu era proativo e um ótimo profissional. A emoção ligada a esta sensação de estar incomodando é pronunciada ao ponto de, enquanto escrevia esta parte do trabalho, sentir uma forte ansiedade e a frequência cardíaca levemente alterada.

No fim, foi minha namorada que insistiu, e que também ajudou na seleção, para que eu mandasse mensagem para os professores escolhidos. Deste modo, consegui resposta do, naquela época, coordenador do programa indicando o meu atual orientador. Mandei, então, uma mensagem direta para ele, perguntando se poderia ser meu orientador, recebendo como resposta dele que gostaria de conversar comigo antes de tomar alguma decisão.

Por se tratar de uma área completamente nova e interdisciplinar e por estar focado no trabalho de conclusão de curso, eu tinha dificuldades em compreender, em sua totalidade, o tema do programa de pós e não possuía tempo hábil para estudar sobre. Ainda assim, por causa da etapa de nivelamento do programa, eu sentia que meu anteprojeto não possuía uma clara aderência ao programa e pensava como poderia consertar.

Foi neste ponto que meu “possível” orientador chamou a atenção na reunião decisória de aceitação de orientação, que meu anteprojeto estava muito mais aderido a outro programa. Consegui contornar os questionamentos de forma positiva sendo sincero e falando que o tema era novo para mim, e que eu esperava entendê-lo melhor dentro do programa e que o que ele havia dito eu tinha pensado no meio tempo entre ter mandado o anteprojeto para ele e a reunião, e a alternativa era a produção de um manual. Este manual possuiria as boas práticas observadas na empresa onde eu estava estagiando. Quando mencionei este produto ele ficou satisfeito pedindo que eu arrumasse e inserisse esta proposta no meu anteprojeto e submetesse. Se eu passasse pela etapa de homologação, ele aceitaria me orientar, comentando de sua disponibilidade.

## **DURANTE A PÓS**





## **Incertezas**

Este tema está vinculado ao durante a pós porque quando entrei, e até mesmo um pouco antes, existia uma inquietação de que no meu anteprojeto não havia quase nenhum assunto aderente ao programa, fora o manual. Assim, as perguntas de como faria para que minha área de graduação conversasse com a área da pós eram frequentes e não resultavam em respostas positivas (GARDNER et al., 2012).

A cada dia de aula da pós, eu tentava aplicar os conhecimentos aprendidos naquele momento aos que eu possuía da graduação, ou no meu conhecimento limitado de uma empresa que eu havia estagiado. Porém, não conseguia elaborar nenhuma alternativa, por falta de conhecimento dos temas que o programa tinha potencial de desenvolver. Busquei ler artigos e livros relacionados, mas que não possuíam muita ligação com a minha graduação, limitando os exemplos a assuntos que eu não conhecia, continuando perdido, fato comum de acontecer em áreas interdisciplinares (GOLDE; GALLAGHER, 1999).

Conversando com meu orientador da pós, chegamos a um assunto que poderia ser tratado, sob a forma de pergunta: como ocorreria o processo X e Y sobre o objeto de estudo. Achei interessante no mesmo momento, além de ficar aliviado, por haver perguntas que pudessem ser feitas do ponto de vista da Agronomia e da pós.

Concomitantemente a esta proposta, houve a descoberta de uma linha de pesquisa que eu poderia seguir e que minha dissertação iria tratar, através da proposta de uma colega em um trabalho para a disciplina Alfa. Tratei de estudar sobre esta linha de pesquisa descoberta e encontrei outros termos. Com estas palavras, e parte do assunto do meu anteprojeto, consegui delimitar um tema para a minha dissertação, além de uma expressão de pesquisa. A disciplina Gama demandava a produção de um artigo e que, para ser alcançado, utilizaria a expressão encontrada. O resultado proporcionou conhecimentos sobre o tema e ligação com a minha área de graduação, deixando-me satisfeito e fazendo-me sentir incluído no programa, mesmo que eu fosse o terceiro a trabalhar com isto.

Dentro deste tópico encontra-se a sensação de desafio, determinado pelos assuntos novos e diferentes do que eu estava acostumado a estudar. A Agronomia tratando basicamente de tecnologia e o programa de pós da área social. Houve uma mudança de perspectiva, pois antes da pós, os trabalhos propostos eram vistos como “um mal necessário”, e na maioria das vezes, os



fazia porque era obrigado. Na pós, as avaliações são tratadas como desafios do tipo “como vou fazer isso?” e encaradas como mais uma forma de adquirir conhecimento.

Através da entrevista feita na disciplina Gama por um colega de classe, há alguns resultados interessantes. A incerteza predomina apenas em curto e médio prazo, mas o futuro que espero é abrir uma empresa, produzindo algo e agregando valor ao produto e prestando consultoria, e para os dois objetivos o mestrado se presta. Esta vontade de empreender aliada à uma formação mais adaptada ao mercado é observado por Martínez e Cardone-Riportella (2012), que concluíram que mestres em programas cujos temas tratam de empreendedorismo, se sentem mais preparados caso venham a abrir uma empresa, além de servirem como ponto de tomada de decisão, optando pelas *start-ups*.

Assim, o mestrado nesta área, como já está acontecendo, proporciona-me uma assimilação de conhecimentos ímpar, sensação de segurança, maior propensão a abrir um empreendimento e a maior chance de sucesso e sobrevivência deste negócio; somado aos conhecimentos adquiridos na Agronomia, junto com a vontade e instigação de ser dono do próprio negócio, estarei mais preparado para o mercado de trabalho e consumidor.

## **Socialização**

O programa de pós no qual ingressei trata de pessoas, processos e tecnologia em ambientes organizacionais na perspectiva interdisciplinar. Assim, com um enfoque no componente humano maior que na Agronomia, fui introduzido a temas de ciências sociais, forçando a aprender a administrar meus problemas de socialização.

O fato que manteve este tópico durante a pós foi um trabalho em grupo da disciplina Alfa. Durante a disciplina Beta que meu orientador de pós ministra, tive contato com uma colega de turma, Maria, que se estendeu para a matéria Alfa. Nesta matéria havia um trabalho que deveria ser feito em até três pessoas, e por experiências na graduação, eu desejava fazer com alguma pessoa do sexo masculino e de área diferente da agrária para que conseguisse agregar conhecimento de outras profissões. Porém, ignorei este desejo, quando aceitei ao convite de Maria de fazer o trabalho juntos, por comodismo (conforto).

Tenho problemas em dizer não, principalmente se houver risco de precisar voltar atrás, portanto, raramente o digo. Ballone (2005) enumera alguns fatores que levam as pessoas a terem dificuldade em dizer não para o próximo, dentre os quais a autoestima baixa e a insegurança e Whitmore (2014) afirma que esse fato é agravado quando se é alguém que gosta de agradar os



outros. Assim, creio que a principal causa de concordar, não descartando a participação da segunda, foi a autoestima baixa, pois não tenho confiança naquilo que faço, necessitando de avaliações frequentes de semelhantes, afirmando se estava certo o que eu havia feito, ou se estava realmente bom. Quando não há este tipo de retorno, permaneço em um estado constante de dúvida e insegurança, travando lutas mentais e decidindo se o que fiz estava apropriado, se foi a melhor escolha, quais seriam as variáveis que faltaram ser analisadas, se elas poderiam ter sido descartadas mesmo e assim por diante. Logo, na minha personalidade, possuo as duas principais causas para a dificuldade em dizer não. Por consequência, aceitei o pedido, pois, inconscientemente, fiz o balanço e não aceitar implicaria em ter que ir atrás de um grupo, e conversar com outras pessoas. Assim, deixei os outros, novamente, tomarem as decisões por mim, bem como a responsabilidade das consequências.

Pelo contato desta colega, ainda houve a entrada de mais uma integrante, uma veterana, a Ana, que poderia auxiliar no aspecto organizacional e cultural do programa, o que era comumente cobrado e utilizado. Assim, acabamos dividindo as responsabilidades de cada um e Ana assumiu a responsabilidade de organizar o material e editá-lo.

Houve entrevistas para coleta de dados e, apesar do combinado em levar dois gravadores, antevendo eventuais problemas, o único que gravou as conversas fui eu. Ou seja, de certa forma, fiquei responsável também pela transcrição dos relatos, trabalho braçal entediante, com nenhuma demanda de conhecimento, mas que necessitava ser feito. Quando resolvi distribuir o serviço entre os demais membros do grupo, uma não respondeu e outra não conseguiu abrir o arquivo, mesmo com minha ajuda virtual. Então, para não perder os dados, segui realizando sozinho a transcrição. Outro problema é que sinto nunca ter feito o suficiente e quero sempre participar, mesmo já tendo cumprido minha parte, fazendo o que está ao meu alcance. Além disso, não acredito serem funcionais os sistemas de divisão do trabalho de maneira igualitária, gerando uma dificuldade pessoal de análise de mensuração do grau de participação e importância de cada membro do grupo.

Por já ter feito todas as transcrições, eu esperava que a análise dos dados fosse, ao menos, de qualidade. Porém, quando questionei o resultado, que consistia em parte da transcrição ao pé da letra, recebi como resposta que “se coloca os dados como um todo, para não perder nada, e depois, se necessário, se faz uma limpeza do que é supérfluo para dar outra dinâmica na escrita” e “na minha concepção e entendimento dos padrões do programa, é assim mesmo”, embora soubesse pela disciplina Gama que de fato isto não estava adequado. Logo, eu tinha o professor falando que, no máximo, deveria se utilizar 20% de transcrição bruta, colegas de programa



utilizam muito mais do que 20% e consideram como padrão. Ainda assim, não fiz nada para melhorar. Através da minha perspectiva, já havia transcrito as entrevistas e gastei as horas de serviço do trabalho nesta tarefa, sem um melhor aproveitamento dos meus conhecimentos. Uma mudança demandaria um tempo que não possuíamos, além de eu ser o único que considerava a análise inapropriada.

Apesar de este ocorrido me chatear profundamente, como aponta Ballone (2005), a culpa dos outros nos chatearem é nossa. Eu poderia ter comentado que gostaria de participar da análise dos dados, que não faria as transcrições sozinho e que gostaria de participar mais de outras partes do trabalho, mas não o fiz. Talvez por temer uma discussão e arriscar passar a impressão de arrogância ou egoísmo, não querendo que surgisse um clima de estranheza entre os integrantes do grupo para comigo. O controle do comportamento para não demonstrar os sentimentos, também conhecido como controle emocional, acarreta em estresses fisiológicos, pois, ao contrário do que se espera, inibir um comportamento demanda uma quantidade maior de energia do que expressá-lo naturalmente (PENNEPAR; CHEW, 1985; STRAHAN, 2003). Assim, faço uma estimativa inconsciente de quanta energia gastaria argumentando algo que não seria aceito e o confronto e aquela gasta para controlar as emoções. Mas a baixa auto-estima, que detenho, considera que todo argumento será perdido ou ineficiente, ocorrendo uma sabotagem e escolhendo, majoritariamente, a inibição do comportamento natural.

## **FINALMENTE**

A experiência de fazer uma pós-graduação é extremamente rica, pois proporciona diversas oportunidades de aprendizado, tanto profissional quanto pessoal. Há o embate entre diferentes jornadas, culminando em um programa interdisciplinar com diferentes perspectivas de mundo e personalidades, e onde cada um possui a sua verdade. Isto pode ocasionar atritos entre os mestrandos e doutorandos e, em alguns, suscitar a percepção de não ser sociável, ou ter problemas com a socialização. A chegada a este problema e seu entendimento, através da autoetnografia, leva a uma abordagem mais adequada, e proporciona que sejam mudados comportamentos de forma que este problema seja reduzido e, quiçá, extinguido. Porém, creio ainda que este seja um problema de alguém com pouca experiência de vida (LUONG; CHARLES; FINGERMAN, 2011), e que essa se encarregará de me ensinar que socializar deve ser natural, pois vivemos em sociedade, e saber lidar com os outros pode, de fato, ser aprendido.



A incerteza é comum àqueles que começam uma pós-graduação, e pior ainda para aqueles que possuem uma pré-disposição a serem indecisos, como no meu caso, ainda que se encontre em qual programa escolher ou tema seguir. Após escolhido o programa, ainda pode haver dificuldade devido à área de graduação e a precariedade na disseminação de temas que podem ser trabalhados, pois não necessariamente serão complementares à primeira vista, necessitando um aprofundamento, como no caso da Agronomia. E, ao final do programa, a incerteza ainda pode predominar, mas desta vez as oportunidades serão mais seguras, haverá experiência suficiente para seguir outros caminhos além do acadêmico, e é o que espero.

A análise de dados contínua requerida pela pesquisa qualitativa fez surgir um tema que transpassava todas as áreas, a autoconfiança. Notei que é por sua falta que há o medo de eu não atender as expectativas de pessoas com mais experiências, de esperar para começar o próprio negócio ou trabalhar como consultor. Antes da obtenção do diploma de graduação, o contato com o mercado de trabalho ocorre somente através de estágios que o estudante procura, ou no mínimo, na última fase, com o trabalho de conclusão, que pode ser feito em uma empresa. Tive a oportunidade, apenas na última chance, de colocar em prática meus conhecimentos, ainda que não fosse na área que eu me sentia confortável. Contudo, mesmo isso favoreceu uma elevação na autoimagem do profissional que eu posso ser.

Através desta autoetnografia, pude perceber inúmeros sentimentos e barreiras que se encontram na minha vida profissional proveniente da vida pessoal, já que não se pode separar as duas, corroborando com Chang (2007) e Austin e Hickey (2007) que apresentam a expectativa do autoetnógrafo como adquirir um entendimento cultural de si e dos outros. Consegui perceber que o medo regula minhas ações, bem como atrapalha. Há uma frase de um filósofo romano que ilustra meu estado de espírito sobre o medo:

“As coisas que nos assustam são em maior número do que as que efetivamente fazem mal, e afligimo-nos mais pelas aparências do que pelos fatos reais.” Seneca

Esta frase resume a descoberta feita através deste artigo, pois minha imaginação é forte e antes de tirar qualquer conclusão procuro ter uma visão de todos os pontos de vista possíveis, gerando respostas a perguntas que nunca de fato aconteceram, a não ser no cenário probabilístico da minha mente. Isso leva à construção de uma baixa auto-estima, porque esta é a imaginação do julgamento que os outros fazem de nós (EMLER, 2001). A preocupação gera o medo que





imobiliza minhas ações, impedindo que consiga uma socialização mais positiva e sem temor de ser repreendido por errar ou lutar pelas minhas escolhas.

Concluindo, como experiência, a pós proporciona um somatório de conhecimento e desafios que não serão experimentados em nenhum outro momento da mesma maneira. E, através de algumas disciplinas, permite que nós, alunos, nos conheçamos melhor e, se soubermos aproveitar, crescamos como pessoa.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o suporte financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, A. E. Preparing the Next Generation of Faculty: Graduate School as Socialization to the Academic Career. **The Journal of Higher Education**, v. 73, n. 1, p. 94-122, 2002.

AUSTIN, J.; HICKEY, A. Autoethnography and teacher development. **The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences**, v. 2, 2007.

AVERETT, P.; SOPER, D. Sometimes I Am Afraid: an autoethnography of resistance and compliance. **The Qualitative Report**, v. 16, n. 2, p. 358-376, 2011.

BALLONE, G. J. **Convivendo com os outros**. Psiqweb Internet 2005. Disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=256>>. Acesso em: 18/06/2014.

CARMON, Z.; WERTENBROCH, K.; ZEELENBERG, M. Option attachment: when deliberating makes choosing feel like losing. **Journal of Consumer Research**, v. 30, p. 15-29, 2003.

CHANG, H. Autoethnography as Method: Raising Cultural Consciousness of Self and Others. In: WALFORD, G. (Ed.). **Methodological Developments in Ethnography**: Emerald Group Publishing Limited, 2007. p.207-221.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: An Overview. **Forum Qualitative Social Research**, v. 12, n. 1, p. art. 10, 2011.

EMLER, N. **Self-esteem: the costs and causes of low self-worth**: Joseph Rowntree Foundation: 104 p. 2001.

FAVA-DE-MORAES, F.; FAVA, M. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. **São Paulo Perspectiva**, v. 14, n. 1, 2000.



FRIEDMAN, T. L. **The world is flat**. Farrar Straus Giroux, 2009. 616p.

GARDNER, S. K. et al. Interdisciplinary Doctoral Student Socialization. **International Journal of Doctoral Studies**, v. 7, 2012.

GOLDE, C. M.; GALLAGHER, H. A. The challenges of conducting interdisciplinary research in traditional doctoral programs. **Ecosystems**, v. 2, p. 281-285, 1999.

IYENGAR, S. S.; LEPPER, M. R. When choice is demotivating: Can one desire too much of a good thing? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 79, n. 6, p. 995-1006, 2000.

LUONG, G.; CHARLES, S. T.; FINGERMAN, K. L. Better With Age: Social Relationships Across Adulthood. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 28, n. 1, p. 9-23, Feb 1 2011.

MARTÍNEZ, M. J. C.; CARDONE-RIPORTELLA, C. MBA Students And Their Motivation To Star-Up Their Own Enterprises: An International Experience. **Working Papers Institute of Entrepreneurship and Family Business Conde de Campomanes: Universidad Carlos III de Madrid**, 2012.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2nd. Londres: Sage Publication, 1994.

NONAKA, I. A dynamic theory of organizational knowledge creation. **Organization Science**, v. 5, n. 1, p. 14-37, 1994.

PENNEPAR, J. P.; CHEW, C. H. Behavioral inhibition and electrodermal activity during deception. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 5, p. 1427-1433, 1985.

**Projeto Pedagógico do Curso de Agronomia**. Florianópolis - UFSC 2010.

STRAHAN, E. Y. The effects of social anxiety and social skills on academic performance. **Personality and Individual Differences**, v. 34, n. 2, p. 347-366, 2003.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource**. 3rd. New York: John Willey, 1997.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. The framing of decisions and the psychology of choice. **Science**, v. 211, p. 453-458, 1981.

WHITMORE, J. Why 'No' is the Most Important Word You'll Ever Say. **Entrepreneur** 2014. Disponível em: <<http://www.entrepreneur.com/article/233122>>. Acesso em: 20/05/2014.

WIIG, K. M. Knowledge Management: An Introduction and Perspective. **Journal of Knowledge Management**, v. 1, n. 1, p. 6-14, 1997.